

Alemanha abre o cofre

WASHINGTON – Os problemas de caixa do Fundo Monetário Internacional (FMI) estão mais perto de uma solução. A Alemanha anunciou ontem sua decisão de aderir ao *New Arrangements to Borrow* (NAB), fundo de empréstimo de emergência criado no ano passado, mas que não havia obtido a colaboração de dois grandes contribuintes do fundo – o próprio governo alemão e os Estados Unidos. Saindo do papel, o NAB reunirá recursos da ordem de US\$ 48 bilhões, distribuídos em cotas de 25 países, com o objetivo de socorrer economias em dificuldades, diante da crise global.

O anúncio foi feito pelo presidente do Bundesbank (banco central alemão), Hans Tietmeyer, durante palestra em Nova Iorque. A Alemanha foi o oitavo país a confirmar contribuição para o novo "reservatório de emergência" do FMI, quadro que torna os Estados Unidos a única potência econômica mundial que ainda não se manifestou concretamente em relação ao mecanismo de ajuda financeira internacional.

O que não representa um impasse. Em entrevista ontem, na Casa Branca, o presidente Bill Clinton afirmou que a criação de um fundo de ajuda atrelado ao FMI para "arrumar" os mercados é o ponto central da proposta a ser apresentada pelo secretário de Tesouro, Robert Rubin, e o presidente do Fed (banco central americano), Alan Greenspan, na reunião das lideranças econômicas do grupo dos países mais industrializados, o G-7, neste fim de semana. Ele aproveitou para mandar recado ao Congresso, que está atrasando a liberação da cota de US\$ 18 bilhões dos EUA para o fundo.

Colaboração – Tietmeyer disse que o banco central alemão já aprovou a sua contribuição para o NAB. A nova reserva vai efeti-

vamente dobrar os US\$ 24 bilhões disponíveis através do *General Agreements to Borrow* (GAB), o já existente fundo de empréstimo facilitado do FMI. A Alemanha está contribuindo com US\$ 1,6 bilhão para reforçar o caixa do GAB e do NAB.

Tietmeyer deixou claro que o aumento da quota do FMI também é fundamental para que o Fundo possa operar de forma adequada. "A operação tradicional do FMI, pela 'porta da frente', é mais importante e mais apropriada para a sua função cooperativa do que a operação pela 'porta dos fundos', através do GAB e do NAB", afirmou o presidente do Bundesbank.

Problemas – O Senado e a Câmara dos Estados Unidos já aprovaram uma contribuição de US\$ 3,5 bilhões, mas a negociação política para a liberação de outros US\$ 14,5 bilhões para o novo fundo ainda não foi concluída. Críticos da política do FMI para a Ásia e precavidos em relação à receita do Fundo, os deputados republicanos (maioria no Congresso) tinham resistido a aprovar o pacote adicional, apesar dos pedidos insistentes do presidente Bill Clinton, de Greenspan e de Rubin. Os parlamentares vêm criticando duramente a forma como o FMI vem sendo conduzido e citam os recentes fiascos na Ásia para justificar a não liberação dos recursos.

A Casa Branca espera que o Congresso aprove a reserva extra de US\$ 14,5 bilhões para o FMI, o quanto antes.

"Se é para a América crescer, nós devemos amparar o FMI", disse ontem Clinton.

Mas o governo terá dificuldades para liberar os recursos. A proposta terá que ser avaliada por uma comissão mista, que reúne deputados e senadores, e só deve ser apreciada em novembro.